



ÁREA TEMÁTICA: Família e Género

Mulheres e Construções Identitárias de Género nas (Sub)culturas de Música Electrónica de Dança
- Um quadro analítico e resultados preliminares

LOPES, João Teixeira Lopes (coordenador)
Doutoramento em Sociologia da Cultura e Educação
Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto
jmteixeiralopes@gmail.com

FERRO, Lígia
Licenciatura em Sociologia
Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto
ligia.ferro@iscte.pt

GUERRA, Paula
PAPCC
Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto
paula_guerra@netcabo.pt

BOIA, Pedro dos Santos (bolseiro de investigação)
Mestrado em Sociologia
Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto
pedroboia@sapo.pt

Resumo

Partindo do trabalho teórico-empírico realizado no âmbito de uma pesquisa sobre os processos de construção identitária nas (sub)culturas *club* (ligadas à participação nas festas de música electrónica), expõe-se a grelha de análise construída e apresentam-se algumas análises empíricas preliminares. O género é perspectivado como um conceito relacional. Contudo, a nossa proposta dirige-se especialmente à compreensão dos mecanismos de construção identitária das mulheres no *clubbing*. Este modelo está a ser aplicado em contextos físicos e sociais específicos (essencialmente na área do Grande Porto, mas também noutros pontos da zona Norte e Centro do país), mas deseja-se que o mesmo seja dotado de plasticidade para ser aplicado noutros contextos.

Palavras-chave: género; música electrónica; (sub)culturas juvenis; *club cultures*





PARTE I- PROPOSTA DE UM MODELO ANALÍTICO

Descrição geral do estudo

A presente comunicação surge no âmbito de uma investigação que está a ser desenvolvida no Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, desde o final de 2007¹. O objectivos são, em primeiro lugar, propor uma grelha analítica heurística para compreender os processos de construção identitária de género, particularmente no âmbito da participação das mulheres nas (sub)culturas (juvenis) ligadas às festas de música electrónica de dança; em segundo lugar, apresentar algumas análises empíricas preliminares e ainda muito parciais. Estas resultam de um primeiro esforço de tratamento dos dados, num momento em que o trabalho de terreno ainda decorre.

A investigação incide, pois, nos modos de participação e experiências das mulheres nas (sub)culturas *club* ligadas à música electrónica de dança no Grande Porto (e Norte de Portugal). As fracções (sub)culturais a estudar- associadas a sub-géneros musicais específicos- são o drum'n'bass, o trance (ou transe) e o techno, sem se deixar de considerar os discursos das frequentadoras sobre a sua participação na fracção do house 'comercial', predominante na maioria das discotecas. Utilizam-se metodologias qualitativas, nomeadamente a observação etnográfica e as entrevistas semi-directivas em profundidade, empregando-se uma amostragem do tipo 'bola-de-neve'.

O género nas análises das subculturas e das culturas *club*

No âmbito do paradigma clássico das *subculturas* (associado à escola de Birmingham, nos anos 70), já McRobbie e Garber (2006 [originalmente publicado em 1976]) alertam para a falha analítica daquele modelo ao nível do *género*, nomeadamente a ausência das raparigas das análises subculturais, propondo a noção de 'cultura de quarto' como meio de a procurar colmatar. Entretanto, desde os anos 70, tem-se verificado um aumento da participação das mulheres no espaço público. No âmbito da esfera do lazer assiste-se hoje a uma maior presença das mulheres nas chamadas '*club cultures*'. Pini (2001), num jogo de palavras bem conseguido, usa a expressão [the move] '*from home to house*'. Tendo recentemente produzido estudos que focam sobre a participação e as experiências das mulheres nas '*club cultures*' associadas à música electrónica de dança, Pini (2001) e Hutton (2004; 2006) alertam para o facto de que, apesar desta maior participação das mulheres nos espaços públicos da esfera do lazer, as mulheres adultas continuam a ser estudadas predominantemente no âmbito da cultura de interiores. Para além disso, referem, a maior parte dos estudos que têm sido produzidos sobre as '*club cultures*' (tal como acontecia com os estudos subculturais clássicos) continuam a centrar-se na experiência dos homens, reproduzindo uma perspectiva masculina e, conseqüentemente, a invisibilidade das mulheres.

De 'subcultura', 'pós-subcultura' e '*club culture*' ao conceito de '(sub)cultura *club*'

Das subculturas clássicas à emergência das '*club cultures*'

A teoria clássica das subculturas aplicada, no âmbito da escola de Birmingham, ao estudo das culturas juvenis 'espectaculares' que emergiram no Reino Unido após a II Guerra Mundial, tinha como uma das suas preocupações centrais estabelecer conexões entre os fenómenos subculturais e uma análise



histórica social e cultural geral da formação social, procurando encontrar aí 'homologias' (na linha de um estruturalismo marxista). É de salientar nesse modelo de análise a importância da variável classe social, bem como das esferas da família, da escola e do trabalho. As subculturas juvenis são conceptualizadas (algo idealisticamente) como formas de resistência face à cultura dominante, ou seja, como expressões autênticas da juventude da classe operária, descomprometidas relativamente a lógicas de comercialismo.

Com as transformações sociais, económicas e culturais ocorridas nos anos 80, nomeadamente com a emergência das chamadas '*club cultures*', tornou-se mais difícil encontrar uma relação linear entre as culturas juvenis e a classe operária que supostamente estaria na sua origem. Em virtude da emergência do neo-liberalismo e da internacionalização e globalização do desporto e da música, bem como de um maior individualismo, as formações culturais passaram a ser caracterizadas por uma nova fluidez e hibridismo, tornando mais difícil o estabelecimento de conexões estruturais (ou 'homologias') (Hall e Jefferson, 2006; Redhead, 1997 e 1997b). Tudo isto conduziu a esforços de re-conceptualização das culturas juvenis, tendo vários autores sugerido conceitos como '*club cultures*', 'pós-subculturas' e 'tribos urbanas', entre outros. Fundamental nestas novas perspectivas teóricas- mais ou menos pós-modernas- é a ideia de que gosto e o consumo (associados ao hedonismo) 'substituíram', de certo modo, as variáveis clássicas estruturais como classe social, género e etnicidade na sua capacidade explicativa.

Propondo o conceito de '(sub)culturas club': plasticidade e hibridismo

Para a nossa proposta de um quadro analítico, sugerimos a formulação do conceito de '(sub)culturas club'. Este pretende dar conta de realidades híbridas e compostas, que possam ter características tanto congruentes com o quadro teórico clássico das subculturas, mais estruturalista, como com os das pós-subculturas e das '*club cultures*', de carácter mais ou menos pós-moderno/ pós-estruturalista. Este conceito tem um carácter de a-filiação relativamente a qualquer uma das perspectivas teóricas em que se inspira. A sua plasticidade pretende permitir conservar o que o quadro teórico subcultural clássico continua a ter de explicativo (através do recurso às variáveis estruturais clássicas), bem como os novos elementos que os quadros de análise pós-subcultural e das culturas *club* trazem (a fluidez, o hibridismo, o gosto e o consumo). No entanto, é de salientar a nossa postura cautelosa face às perspectivas pós-modernas e pós-estruturalistas radicais, enformadas por teorias da pós-identidade e do pós-sujeito.

Debatendo as contribuições recentes para o estudo das mulheres clubbers

As contribuições recentes mais relevantes para o estudo da participação e das experiências das mulheres *clubbers* são os estudos produzidos por Pini (2001) e por Hutton (2004; 2006). Estas autoras focalizam a análise sobre as *club cultures* 'underground' (*versus* '*mainstream*'), a partir da distinção presente em Thornton (1996). O *clubbing* 'underground' é conceptualizado como sendo caracterizado pela maior libertação das mulheres relativamente a constrangimentos exercidos pela presença de lógicas de «engate» e de mecanismos de coerção sexualizada derivados de processos de dominação masculina. A participação das mulheres é associada a uma narrativa da aventura, considerando estas autoras que há um grau importante de liberdade para as mulheres relativamente ao consumo de drogas e à expressão da sua sexualidade, de modos não sujeitos a uma lógica masculina dominante. Importante carácter definidor do *clubbing* 'underground' é a ausência de consumos de álcool, substituído por drogas como o ecstasy, em oposição ao consumo de álcool, por sua vez característico do *clubbing* 'mainstream'. Estes tipos de consumo associam-se, respectivamente, à ausência/ presença das referidas lógicas de engate e coerção sexualizada.



Uma ideia importante a reter- merecendo ser debatida e aprofundada- é a sugestão de Pini (2001) de que estas '*club cultures*' 'underground' constituem espaços privilegiados de experimentação de novas feminilidades e de resistência e desafio relativamente às feminilidades tradicionais, no âmbito dos processos de reconfiguração dos modos e ficções de feminilidade nas sociedades ocidentais contemporâneas. O actual estado de indefinição dos papéis de género e as suas contradições reflectir-se-iam e teriam a sua 'resolução mágica' na pista de dança (Pini, 2001).

Criticando as perspectivas pós-modernas radicais e defendendo, pelo contrário, a operância das identidades de classe, género e etnicidade nos contextos concretos das '*club cultures*', Pini acaba por confirmá-las implicitamente, em parte, pois o seu estudo parece conduzir o leitor à conclusão de que há uma certa 'erosão' de diferenças de género. Nas perspectivas subjacentes quer aos estudos de Pini como de Hutton verifica-se, na nossa opinião:

1. A ausência de uma (efectiva) *intersecção* do género com as variáveis clássicas (como classe social e etnicidade): o género é a única variável considerada, ou seja, é tomado isoladamente.
2. Uma insuficiente especificação das fracções (sub)culturais 'underground', o que conduz a uma homogeneização das experiências das mulheres [*clubbers*] e à universalização do conceito de 'mulher' [*clubber*] e do próprio *clubbing* 'underground'. Pini e Hutton usam apenas os termos, a nosso ver demasiado genéricos, de 'clubbing' e 'raving'- que se tornam universalizantes e homogeneizantes- sem que haja uma especificação adicional das fracções subculturais 'underground' que analisam.

O modelo de análise proposto: uma efectiva intersecção entre variáveis

e uma segmentação precisa das (sub)culturas *club*

O quadro analítico que propomos caracteriza-se por dois aspectos fundamentais:

1. Pretende concretizar uma efectiva *intersecção quádrupla* entre as variáveis género, classe social, etnicidade e a própria segmentação interna das (sub)culturas *club* estudadas (cf. ponto 2).
2. Pretende proceder a uma especificação precisa de fracções concretas das (sub)culturas *club*, fracções essas associadas a diferentes sub-géneros musicais no âmbito da música electrónica de dança.

Para além da especificação das referidas fracções, a operacionalização da segmentação interna das (sub)culturas *club* ('underground') estudadas faz-se através da consideração dos diversos factores de estruturação interna, tais como:

- i. Os que se associam à diferenciação entre produção *versus* consumo;
- ii. Os que estão implicados nas estruturas/economias de capital subculturalⁱⁱ.

O estudo que desenvolvemos pretende, pois, ajudar a compreender como se constroem diferentes identidades de género em várias fracções específicas das (sub)culturas *club* 'underground' associadas aos diferentes sub-géneros musicais, nomeadamente o *drum'n'bass*, o *trance* e o *techno*, sem deixarmos de considerar as experiências das mulheres entrevistadas no âmbito do *clubbing* 'mainstream' associado à discoteca 'convencional' e à música *house*, considerada mais 'comercial'. É importante não negligenciar diferenças importantes entre cada uma das fracções ao nível das formas de participação e experiências das



mulheres. Considerar as diferentes fracções das (sub)culturas *club* é um modo de efectivar uma intersecção do género com a própria variável gosto (e com o próprio consumo), cuja importância é afirmada pelos pós-modernos. No entanto, o 'gosto' pode ter outras implicações. Assim, ao proceder-se a uma intersecção quádrupla entre variáveis clássicas e 'pós-modernas', há também que procurar relações de linearidade/homologias entre, por exemplo, uma determinada fracção subcultural e as proveniências de classe das respectivas frequentadores/as. Trata-se de tentar apreender a multiplicidade das experiências das mulheres *clubbers* (detectando regularidades e singularidades), através de uma efectiva intersecção do género com as outras variáveis clássicas (classe social e etnicidade), bem como com o gosto e o consumo.

Para uma operacionalização das identidades de género será útil a distinção entre identidades (papéis e expectativas) de género:

- i. Tradicionais (submissão face à dominação masculina, confinamento ao espaço privado, etc.);
- ii. Modernas (emancipação feminina, entrada no espaço público, etc.);
- iii. Pós-modernas (confusão das categorias de género e de sexualidade, o pós-feminismo e a cultura popular [mediática] pós-feminista, etc.).

Empiricamente, a presente investigação pretende concretizar os seguintes eixos de análise:

EIXO DE ANÁLISE 1: estudo das construções de género implicadas nas estruturas internas das (fracções das) (sub)culturas *club*. Trata-se dos papéis e expectativas de género inerentes, de um modo mais explícito ou implícito, às próprias (sub)culturas (e- cf. eixo 2- que são como que 'propostos' às mulheres).

EIXO DE ANÁLISE 2: estudo de como as identidades e disposições de género pré e extra-*clubbing* 'de longo curso', interiorizadas por cada uma das mulheres *clubbers* entrevistadas (essa espécie de *habitus* de género), *mediam a interiorização e efectivação ('performativa') das identidades e disposições de género subculturais e respectivos papéis*. É essencial considerar-se aqui a influência das variáveis classe social e etnicidade, analisando-se a socialização de género das mulheres, no âmbito das suas trajetórias pré-*clubbing*, nomeadamente na relação com as esferas da família, escola e trabalho.

É aqui de salientar a relevância heurística da teoria disposicional (Lahire, 2001; 2004; 2005), na qual são relevantes as noções de pluralidade disposicional, de transferibilidade das disposições de género entre contextos de acção (vigília *versus* sonolência das disposições). Há que estar atento às possibilidades de surgimento de 'homologias' e continuidades *versus* rupturas e descontinuidades entre elementos identitários e disposições de género (pré e extra-(sub)culturais *versus* (sub)culturais), bem como de dilemas disposicionais e identitários.

EIXO DE ANÁLISE 3: será(/ão algumas das fracções d) o *clubbing* 'underground' (nos contextos estudados) espaço(s) de experimentação de novas feminilidades e de resistência/ desafio face às feminilidades tradicionais, como sugere Pini (2001)? Esta é uma questão que merece ser aprofundada e problematizada. Qual a significância da participação das mulheres em toda a problemática do género nas sociedades contemporâneas? Quais as (in)consequências das disposições de género geradas pelas subculturas nos contextos de acção extra-subculturais? Como é que na participação das mulheres nas (sub)culturas *club* se configuram modalidades de agência de género? Até que ponto e como é que tais contextos e práticas culturais se constituem como espaços e formas de 'empoderamento' ou des-'empoderamento' das mulheres? É pertinente considerar aqui a própria importância do risco nos



processos de 'empoderamento'/ *des*-'empoderamento' e de construção identitária, que deve a nosso ver ser visto quer nas suas dimensões positivas quer negativasⁱⁱⁱ.

PARTE II: ALGUNS RESULTADOS EMPÍRICOS PRELIMINARES

Os resultados empíricos que se apresentam são preliminares, não concretizando ainda muitos dos procedimentos descritos na secção anterior. O material apresentado resulta de uma primeira análise a sete das entrevistas semi-directivas realizadas a frequentadoras de festas de música electrónica de dança^{iv}, cuja caracterização é apresentada no quadro seguinte:

Quadro 1: caracterização das frequentadoras entrevistadas

Entrevistada	Fracção (sub)cultural/ sub- género musical	Idade	Escolaridade
Joana	drum'n'bass	29	licenciatura
Helena	drum'n'bass	24	estudante E.S.
Cátia	drum'n'bass	21	estudante E.S.
Beatriz	drum'n'bass	29	licenciatura
Ana	techno	33	11º ano
Maria	techno	46	4º ano
Teresa	transe	29	12º ano
DJ Trancer	transe	26	licenciatura

São estudadas três fracções do *clubbing* 'underground' (o drum'n'bass, o transe e o techno), sem deixar de se considerar os discursos das mulheres sobre os seus percursos e experiências no seio da fracção 'mainstream' associada ao house 'comercial', que é dominante na maioria das discotecas.

Notas gerais

Em todas as fracções subculturais 'underground' estudadas há uma predominância de homens, quer como frequentadores quer como organizadores e DJ's. Apesar disso, no caso do transe, têm surgido recentemente algumas mulheres DJane's, sendo de realçar a criação recente de uma agência liderada e constituída por mulheres.

No caso do techno é de destacar o facto de alguns grandes eventos realizados numa discoteca do Grande Porto (Feira) atraírem frequentadores de vários pontos do país, que se deslocam, por exemplo, em autocarros a partir de Lisboa e do Algarve. É de salientar a particular relevância da variável etnicidade entre os frequentadores de techno, em virtude da presença, nas festas observadas, de cerca de um quinto de negros, ao que tudo indica provenientes de Lisboa. As festas de techno são relativamente espaçadas no tempo e realizam-se em poucos locais. As festas de drum'n'bass realizam-se com maior frequência, (quase) todas as semanas, em contextos urbanos, parecendo ter particular predominância no Porto, a nível nacional, apesar de, no caso do Norte, estar a emergir também noutras cidades, como Braga e Bragança. Ao contrário das festas de techno e de drum'n'bass, as de transe realizam-se tipicamente ao ar livre, em locais variáveis. O transe parece constituir, mais do que uma (sub)cultura *juvenil*, uma subcultura, com



implicações abrangentes em termos dos vários aspectos constitutivos de um modo de vida, sendo fortemente ideologizado, pelo menos no seu círculo mais restrito de frequentadores. Sendo a cultura transe influenciada pela espiritualidade e religiões indianas tem igualmente implicações em termos de preocupação ecológica, de rejeição do consumismo, etc. Parece ser mais transversal em termos de faixas etárias dos seus frequentadores. As disposições geradas pela ideologia do transe podem ser particularmente consequentes nas várias dimensões das vidas dos seus frequentadores.

O *clubbing* 'underground' no Norte de Portugal: elementos de um 'underground' (?) localizado

A mistura das drogas com o álcool

Se bem que este estudo não consista numa análise sobre as drogas mais tipicamente usadas em cada uma das fracções subculturais^v, é de referir que, grosso modo, o álcool e a marijuana ou o haxixe parecem ser como que a base comum a todas elas, servindo como pano de fundo sobre o qual se consomem outras substâncias. O ecstasy (e o MDMA) parece associar-se particularmente ao techno, a cocaína e o MDMA ao drum'n'bass e as substâncias psicadélicas ao transe. No entanto, muitos entrevistados referem uma certa difusão da cocaína e por vezes a presença de heroína, tal como de outras substâncias, como a quetamina^{vi} e os speeds.

Pini (2001) e Hutton (2004; 2006), relativamente aos contextos sócio-geográficos que estudam, definem o *clubbing* 'underground' como espaços onde não é consumido o álcool, mas sim o ecstasy, enquanto que o *clubbing* 'mainstream' é caracterizado pelo consumo de álcool. Esta diferença no consumo de substâncias é um elemento central nesta distinção. O consumo do álcool dos clubes 'mainstream' é associado a uma atmosfera marcada pelo engate e por uma lógica de 'mercado de gado' (para empregar a expressão usada por aquelas autoras), onde impera uma lógica masculina e uma objectificação da mulher. A pressão para o engate e para as interações sexualizadas são, assim, definidoras do *clubbing* 'mainstream', encontrando as mulheres, segundo estas autoras, uma libertação face a esses constrangimentos no *clubbing* 'underground'.

A oposição entre as substâncias consumidas é, assim, um elemento essencial para a própria oposição entre 'mainstream' e 'underground'. Focalizando-se sobre a problemática do risco, Hutton (2004; 2006) argumenta que enquanto que o consumo de álcool predispõe a mulher para um perda do controlo sobre a sua sexualidade e uma maior vulnerabilidade face às estratégias de engate por parte dos homens, o consumo de ecstasy permite-lhe conservar o controlo sobre a sua sexualidade. *A este nível, a validade da oposição entre 'mainstream' e 'underground' no contexto sócio-geográfico por nós estudado é, até certo ponto, posta em causa, pois a regra geral aí parece ser a mistura de álcool com as drogas. A mistura nos consumos poderá ter consequências em termos de vários aspectos associados à problemática do risco, nomeadamente o controlo das mulheres sobre a sua sexualidade e a sua vulnerabilidade a esse nível. É importante considerar, pois, a relação tripla entre o risco, a sexualidade e as drogas/ álcool.*

O simbolismo do ecstasy e MDMA como 'drogas do amor'

Para além da mistura de drogas com álcool, a ideia do *clubbing* 'underground' como sendo caracterizado por um clima de relativa a-sexualização, permitindo uma maior libertação das mulheres face a certos constrangimentos e padrões de comportamento sexualizados pode também ser, até certo ponto, relativizada em alguns dos contextos por nós estudados. Aqui, ao contrário do que afirmam Pini e Hutton, o



ecstasy e o MDMA parecem adquirir uma simbologia de 'drogas do amor', inclusivamente na vertente sexualizada e não simplesmente como predispondo a abraços amigáveis e afectuosos (mas assexualizados) ou exacerbando uma sexualidade centrada sobre si própria e auto-contida.

No caso do drum'n'bass, **Joana**, uma frequentadora antiga e conhecedora profunda do meio, refere que o MDMA e o ecstasy são aí vistos como 'drogas do amor'. Questionada sobre se existe, por parte das mulheres, o medo de perda de controlo sobre a sua própria sexualidade e de se tornarem vulneráveis, em virtude do uso de drogas, afirma:

(...) acho que [as mulheres] se calhar às vezes até fazem [tomam drogas] para acontecer (risos), porque até se sentem à vontade porque são pessoas envergonhadas e... e aquilo é um meio mais fácil; e depois, esta questão do MDMA e das mulheres consumirem mais... tem muito a ver... com o facto de, simbolicamente, elas serem consideradas drogas do amor [...] isso, nas pessoas, nota-se... na sua felicidade... que elas transbordam... e isso depois é muito mais fácil... dar um abraço e criar uma relação e uma interacção com outro... [...] [*inclusivamente nas dimensões mais sexualizadas?*]... sim, sim... acaba por te libertar ou livrar de um conjunto de preconceitos que poderás ter, mesmo valores, em relação à situação... acho que sim...

No entanto, ressalva:

Primeiro acho que... quem consome não consome com essa intencionalidade, mesmo... acho que é mesmo pela dança em si, pelo conseguir acordar outros sentidos... enquanto ouves aquela música. E depois, quando tem a noção de que as coisas se tornam mais fáceis num outro campo... isso pode depois ser propício a esse consumo.

Apesar de **Ana**, uma frequentadora de techno, afirmar que a 'roda' (pastilha de ecstasy) poder 'bater' de várias formas, podendo predispor a pessoa para diferentes tipos de experiências e comportamentos, refere, tal como as suas três amigas, que a substância é chamada 'roda do amor'. Nesta conversa conjunta, todas as mulheres afirmam que a dimensão sexualizada está presente e é associada a esse simbolismo.

Finalmente, a validade da oposição entre 'underground' e 'mainstream' nos contextos analisados pode, ainda, ser questionada, em virtude de a própria ideia de uma ausência de engate ser relativizada a partir do material apresentado em seguida. No entanto, saliente-se que o transe é a fracção subcultural em que praticamente todas entrevistadas mais salientaram a relativa irrelevância da dimensão de engate/sexualizada nas experiências subculturais (apesar de **DJ Trancer** considerar que, recentemente, esta se tem tornado mais visível). É importante estarmos abertos às características próprias do *clubbing* nos contextos sócio-geográficos estudados, estando atento às suas idiosincrasias sem que se procure impor-lhe quadros teóricos rígidos de um modo cego.

O *clubbing* 'underground' versus 'mainstream':

Um percurso individual do house 'comercial' até ao transe

Thornton sugere haver uma 'genderização' dos sub-géneros musicais e respectivas fracções *club*-(sub)culturais. A 'un-hipness' do *clubbing* 'mainstream' é associada à feminilidade, em oposição à 'hipness' do 'underground', que é por sua vez associada à masculinidade (Thornton, 1996: 87-115). De facto, a



presença de mulheres como frequentadoras parece ser maior no house 'comercial'. As frequentadoras de techno entrevistadas (que também frequentavam festas de house com menor regularidade) afirmam que 'dizem que o house é música para mulher'. Segundo afirmam, as frequentadoras das festas de house, nomeadamente as que vão às 'Noites da Mulher' (em que têm entrada gratuita), são aquelas que 'bebem um copo e caem p'r'ró lado'. Dizem que, pelo contrário, elas sempre compraram as suas próprias entradas e são mais 'guerreiras'. Musicalmente, o house é mais melódico, incluindo frequentemente vozes, enquanto que o techno é caracterizado pela dimensão rítmica e pela agressividade e velocidade da batida.

Pini e Hutton consideram o *clubbing* 'underground' como um espaço privilegiado de experimentação de novas feminilidades e de liberdade para as mulheres. Não deixa de ser paradoxal que estas autoras situem na fracção 'underground' o tal potencial presumivelmente emancipatório do *clubbing*. Como vimos, a fracção 'underground' é associada ao masculino. Se bem que tenhamos também encontrado dados empíricos que permitem questionar a validade da ideia do *clubbing* 'underground', nos contextos estudados, como um espaço de experimentação de novas feminilidades, o discurso de **Teresa**, uma frequentadora de transe, confirma-a. Eis a justificação que dá para a sua impressão de haver cada vez mais mulheres a frequentarem as festas de transe:

-

(...) acho que é mesmo o facto de as mulheres encontrarem ali... pronto!, um mundo em que são iguais, não são mais nem são menos, são iguais: são tratadas de igual forma, são... têm os mesmo direitos que não têm...- não é uma questão de direitos, mas pronto: são iguais, é basicamente encontrares ali um mundo em que podes ser tu e não és discriminada p'ra mais ou p'ra menos por causa disso. [...] O transe ou as festas de transe [...] de certa forma [são] uma afirmação de, de liberdade: tu 'tás ali, tu podes ser quem queres... sem 'tar ali alguém a massacrar «porque parece mal 'tares aqui a fazer isso» e «porque não podes fazer aquilo»

Teresa frequentou as festas de house antes de conhecer o transe. A oposição entre ambas as fracções subculturais- 'mainstream' e 'underground'- é aqui clara:

A discoteca normal corta-te logo o efeito (risos)... só pelo simples facto de que tens que ter a indumentária certa p'ra entrar: tu por exemplo quando vais ao house, as mulheres são todas glamour... é o sex appeal que comanda um bocadinho o house, no transe não, tu, tu se quiseres ir vestido de farrapo vais de farrapo [...] há a selecção à porta... tu se vais bem vestido, entras imediatamente, se vais vestido assim e assim entras daqui por meia hora e pagas mais dez euros, por exemplo... [uma vez] descuidei-me um bocadinho da imagem, chego lá e pedem-me quinze!... mas porquê?, porque me esqueci de pôr o baton!... [...] tu tens de estar um chic... ou muito glamourosa... e eu acho que isso cria a ideia de mulher-objecto no house... e não me agradou... e encontrei no transe conversas inteligentes... (...) respeito pela mulher... coisa que não encontrei no house.

Teresa refere igualmente casos de apalpões a mulheres por parte de homens. Uma mulher-objecto é, para esta entrevistada, aquilo que os homens do house procuram:

(...) se reparares, os homens do house ou que gostam da discoteca e tal... procuram mulheres bonitas... não é?... Alguém que esteja ao lado dele, que chame à atenção!, que... «sim senhora! É uma boa mulher!»... 'tás a compreender?... e acho que sim!... isso (im perceptível) no house!



O capital económico (extra-subcultural) converte-se em capital subcultural, havendo igualmente a definição de uma referência de masculinidade, em que deter um certo automóvel é valorizado e cria distinções. Eis aqui um elemento que realça como é importante considerar-se o género de um modo relacional:

[...] cabecinhas de vento...- até podem ser muito inteligentes, mas pronto, «eu tenho de ser mais bonita do que inteligente p'ra agradar... ou p'r'arranjar o gajo com o BM[W] ou p'r'arranjar o gajo com o Mercedes», porque depois também tem tudo a ver com o estatuto... um bocado... lá dentro [...]

A transgressão face à adequação às normas de apresentação pode suscitar, inclusivamente, a activação de mecanismos de controlo social entre as próprias mulheres:

[...]quando chegámos à discoteca Chic [...] estivemos à porta bastante tempo p'ra entrar... lá entrámos... fomos à casa de banho e diz-me ela «sabes porque é que pagámos dez euros?!...» e eu «não!...» e ela «da última vez que cá vim paguei cinco- pagámos dez euros porque tu não te pintaste!...» e eu «mas queres ver que 'tou a levar com o chicote?!»- isto aconteceu!... e eu «mas queres ver que eu 'tou a levar com o chicote porque não me pinteí?... mas o que é isto?»... e eu «pronto 'tá bem, OK, 'tá tudo... queres que te dê os cinco euros de diferença?» «ah não!, só 'tou a chamar à atenção!» e eu «OK...»...

Para **Teresa**, o consumismo, o gosto e as estratégias de distinção são elementos marcantes das conversas na discoteca:

(...) os comentários e as conversas era «eh pá, olha p'r'àquela... com uma botas de cinquenta contos e uma mala de dez euros» ou então alguém tira um telemóvel do saco... «fogo! Tem um saco...-diz-me lá a marca, que eu já não sei qual é a marca...- tem que custa oitenta contos e um telemóvel trinta e três dez- olha-me p'r'àquilo!» e eu fico «não, 'tá na hora de eu ir embora...» [...] são fúteis a estes pontos... de 'tarem a criticar «aquilo é caro e aquilo é barato e ela conjugou as duas coisas?!, não pode ser...»...

Inês, uma outra frequentadora de transe, afirma também que não encontra a lógica de engate no transe como na discoteca comum. 'Engate?!... ah...', diz com repugnância, cruzando os dedos como a afastar o diabo.

Género, risco, economias de distribuição de drogas e capital subcultural

Todas as frequentadoras do drum'n'bass e do transe entrevistadas afirmaram, com preocupação e quase paternalismo, que cada vez mais as festas são frequentadas por pessoas mais jovens que consomem cada vez maiores quantidades de drogas. Referem-se a jovens com cerca de 16 ou até mesmo com 12 ou 13 anos. Por exemplo, referindo-se à faixa etária mais jovem (a partir dos 17 anos), que é hoje 'o rosto do drum'n'bass', **Joana** considera que 'há muita inconsciência neste momento' relativamente aos



perigos no consumo de substâncias adulteradas, ou seja 'traçadas'. Quanto ao caso específico das raparigas considera que, entre elas, também 'começa a haver' um consumo muito frequente e des preocupado quanto à origem e fiabilidade das substâncias:

(...) o que é preocupante é [as raparigas] não terem... não se preocupam com o que consomem... se calhar preocupam-se mais com o fulano [com quem] que vão consumir, sabes?... tipo «aquele gajo é todo pintas» e não sei quê... e... aquele fulano até lhes suscita interesse, porque há, sei lá, bué de oportunidades de consumir nas festas... e se fores miúda, então... n delas... há sempre alguém que... basta tu quererem «olha desculpa, não sabes de alguém que me queira arranjar...», a pessoa se tiver... automaticamente se fores miúda, ó pá, então... 'tás a ver?...

Joana relaciona a atracção das raparigas pelos 'gajos todo pintas' com a falta de atenção face às precauções a ter no uso das drogas. Para além disso, no seu discurso, associa o drum'n'bass a outras actividades tais como o parkurs, o graffiti, o skate e o hip-hop incluindo todas estas práticas culturais no que denomina de 'cultura de rua'. A prática destas actividades pelos frequentadores do drum'n'bass actua como fonte de acumulação de capital subcultural- sendo este possuído maioritariamente por rapazes-, funcionando como um factor de atracção face ao interesse das raparigas. Por sua vez, **Helena e Cátia** (elas próprias namoradas de DJ's) referem que tendem a formar-se grupos de seguidoras dos DJ's e MC's (as 'groupies'). Daí que estar-se ligado à produção/ organização e ser-se DJ ou MC confira um alto grau de capital subcultural e estatuto. Estes papéis ligados à produção são predominantemente ocupados por homens, já que no drum'n'bass em Portugal, praticamente não há mulheres a desempenhar esses papéis. Nas suas implicações de género, esta distribuição de capital subcultural- desigual entre homens e mulheres- é potencialmente geradora de determinados efeitos estruturadores das relações amorosas e das interacções sexuais.

(...) eu acho que dentro do drum'n'bass há muita gente gira... acho que começa por aí... acho que todas as miúdas que vão, vão à procura do rapaz perfeito, bonito... - e há muitos homens bonitos nas festas de drum'n'bass- até porque eu vou a uma festa de house, assusto-me... as caras e se calhar também o consumo de droga, sei lá... e assusta-me mesmo... e... depois, são meninos que estão normalmente agora ligados a culturas de rua, ou seja, o skate, o parkurs, o graffiti, o hip-hop... está na moda!, digamos, de certa forma... chegam ali e... (breve silêncio) e dão-se!, entregam-se!... assim, sem mais nem menos, percebes?, eu acho que tem muito a ver com uma questão de afirmação... depois elas próprias conseguem criar este grupo de pares e andarem cá fora... durante o dia... e terem isto como uma referência delas e...

Em todas as fracções subculturais estudadas, a venda, a compra e a distribuição de substâncias (aos amigos) parecem ser tarefas maioritariamente desempenhadas pelos homens. Não parece descabido relacionar a presumida 'inconsciência' das raparigas relativamente aos perigos no consumo de substâncias adulteradas de que fala Joana com o factor estrutural- integrante de toda economia de distribuição e consumo das drogas- que é as possibilidades de as raparigas facilmente conseguirem obter drogas gratuitamente ('a cavalo dado não se olha o dente', diríamos).

... pois... eu tenho amigos meus que vendem... que dizem «aquela? Não... tu se quiseres, elas chegam-se a... se eu quiser, elas chegam-se logo a mim, basta eu lhes mostrar um



saquinho», pronto, acho que as mulheres também são um bocadinho «colas» (rindo ligeiramente)... digamos, pronto, eu tenho essa sensação... colam muito àqueles que vendem as coisas, ou que têm, ou que compram, não é?

Uma outra frequentadora do drum'n'bass, **Beatriz**, afirma que já viu numerosos casos, 'mesmo à sua frente', de mulheres a aproximarem-se de homens com o objectivo claro de obterem drogas gratuitamente. **Cátia e Helena** (numa entrevista em conjunto) relatam como por vezes, nestas interações, as mulheres jogam com as expectativas de 'engate' dos homens, usando estratégias de sedução:

Helena: há algumas que se aproveitam da condição de mulher para [isso]/ **Cátia:** e se calhar até seduzirem um bocado o homem p'ra... mandarem uma risquinha, há mulheres assim... há mulheres que são assim, eu já vi situações dessas... em que se aproveitam um bocado daquela coisa de serem mulheres, seduzirem um homem e terem uma droga!... pessoas mais viciadas e... (...) acho que as raparigas mais novas é mais numa de curtição; aquelas raparigas mais velhas que já... [...]/ **Helena:** que já fazem por 'tarem viciadas, acho que é [...] juntar o útil ao agradável [...]/ **Cátia:** essas [as mais velhas] é mais... por sedução.../ **Helena:** sabem quem é que tem!... sabem que basta chegar lá e... um sorrisito, um beijo e tal... e conseguem ter acesso.

Daí se deduz que, para os homens, apesar de as mulheres poderem manipular as suas expectativas, ter droga para oferecer poderá funcionar como um capital subcultural passível de ser usado no âmbito de estratégias de sedução e de engate mais ou menos ocultas. Se assim é, há indicadores que há aqui uma 'igualdade' de género entre homens e de mulheres em termos de uma não ingenuidade!

Questionada sobre até que ponto há mulheres 'colas' no caso do trance, **DJ Trancer** concorda que aí, por vezes, isso também acontece. Relativamente ao techno, numa entrevista em grupo com quatro frequentadoras, entre os 27 e os 46 anos^{vii} (olhando todas elas já um pouco retrospectivamente para o ponto alto do seu envolvimento nessas festas, apesar de por vezes ainda irem), revelam que eram maioritariamente os homens a distribuírem as drogas, inclusivamente oferecendo gratuitamente às mulheres: 'parecia o papa a dar a hóstia', diz **Maria** às gargalhadas. Conta ainda que 'queríamos era que nos dessem', pois guardavam os excedentes em sacos de plástico 'para a próxima festa ou para vender'. É aqui notória a ausência de preocupação sobre a origem e a composição dos produtos. No entanto, também algumas destas mulheres vendiam, referindo uma delas que 'nos últimos tempos em que ia era mais para o negócio'.

No entanto, estas situações de subsidiariedade das mulheres relativamente à obtenção de drogas não devem ser generalizadas. **Teresa** afirma que muitas mulheres vão comprar de um modo autónomo ('perderam a vergonha!', diz, rindo, referindo-se a um fenómeno interpretável como sendo sintomático da emancipação face aos papéis tradicionais de género). No caso do drum'n'bass, **Cátia** diz também que hoje, se não assumem tanto o papel de vendedoras, 'as mulheres têm muito mais uma atitude de comprar e de consumir... dantes não era tanto'.

'Homologias' entre as fracções subculturais e factores 'macro'-estruturais

Há indicadores da existência uma certa linearidade entre a segmentação entre diferentes fracções do clubbing ('underground') e processos de segmentação social mais abrangentes ('homologias'). Assim, o techno parece ser caracterizado pelas baixas qualificações profissionais e académicas dos seus



frequentadores, frequentemente oriundos de zonas urbanas problemáticas. O drum'n'bass e o transe, pelo contrário, parecem ser um fracções subculturais associadas a frequentadores de classe média, muitas vezes ligados a profissões liberais e artísticas, bem como por estudantes. Há uma certa permeabilidade entre as fracções, havendo grupos de frequentadores numa dada fracção (sub)cultural que são provenientes de uma outra fracção. São, no entanto, reconhecidos como uma espécie de 'imigrantes' pelos frequentadores 'legítimos'. Por exemplo, os frequentadores do techno, com o 'boné e os brincos de argolas de ouro', como refere uma entrevistada, quando frequentam festas de transe ou de drum'n'bass são reconhecidos como os 'gunas' ou os 'mitras', enquanto que os frequentadores porventura mais ocasionais de festas techno provenientes drum'n'bass, do transe ou do house, são reconhecidos como os 'betinhos' ou os 'meninos de estudo'. Os frequentadores de drum'n'bass reconhecem também a origem dos 'rastas' provenientes do transe. Tais processos de reconhecimento efectuam-se através da observação dos estilos de apresentação, dos comportamentos e dos tipos de consumo de drogas. Todas estas categorias servem para os frequentadores de cada fracção classificarem os frequentadores de outras fracções.

Nota conclusiva

O tratamento dos dados empíricos encontra-se ainda numa fase embrionária. Apresentámos aqui uma selecção de material que pretende mostrar alguns aspectos de como o género ganha forma e é estruturador dos contextos (sub)culturais. Esperamos que tal selecção tenha igualmente permitido vislumbrar possibilidades de estabelecimento de conexões entre as realidades (sub)culturais e as estruturas sociais mais abrangentes, procedimento analítico que está neste momento a ser aprofundado. No entanto, os resultados da análise das trajectórias de longo curso das frequentadoras e do modo como estas influenciam a participação e as experiências subculturais estão em processo de análise e serão divulgados posteriormente

Referências bibliográficas

- HALL, JEFFERSON (2006) *Resistance Through Rituals* (edição de 2006). Abingdon: Routledge.
- HUTTON, Fiona (2004) *Up for it, mad for it? Women, drug use and participation in club scenes*. In HEALTH, RISK AND SOCIETY, Vol. 6, Setembro.
- HUTTON, Fiona (2006) *Risky Pleasures? Club cultures and feminine identities*. Hampshire: Ashgate.
- LAHIRE, Bernard (2001) *O Homem Plural- As molas da acção*. Lisboa: Piaget.
- LAHIRE, Bernard (2004) *Retratos Sociológicos- Disposições e variações individuais*. São Paulo: Artmed Editora.
- LAHIRE, Bernard (2005), "Patrimónios individuais de disposições: para uma sociologia à escala individual". In *Sociologia – Problemas e Práticas*, nº 49.
- PINI, Maria (2001) *Club Cultures and Female Subjectivity- The move from home to house*. N.I: Palgrave.
- REDHEAD, S. et al (coord.) (1997) *The Clubcultures Reader*. Oxford: Blackwell.
- REDHEAD, S. (1997b) *Subculture to Clubcultures*. Oxford: Blackwell.



SILVA, Vítor (2004) *Trance, House e Techno- Espiritualidade, Sensualidade e Energia*. Dissertação de Mestrado, FPCEUP (policopiado)

THORNTON, Sarah (1996) *Club Cultures- Music, media and subcultural capital*. Middletown: Wesleyan University Press.

ⁱ A pesquisa 'Construções Identitárias de Género nas (sub)culturas *clubbers*' PIHM/SOC/63599/2005 é financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia do Ministério da Ciência e da Tecnologia, no âmbito de um protocolo estabelecido entre esta instituição e a Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres.

ⁱⁱ Este conceito é formulado por Thornton (1996) a partir de Bourdieu. O conceito de capital subcultural serve para compreender os valores e as hierarquias implicados nas *club cultures*. Sendo possível compreendê-lo como uma sub-espécie de capital actuante no seio de um sub-campo particular, o capital subcultural caracteriza-se pela correspondência dos frequentadores a uma determinada 'hipness' subcultural, podendo ser *objectificado* ou *corporalizado*.

ⁱⁱⁱ A problemática do risco é central em Hutton (2004; 2006). Apesar de esta autora se focalizar unicamente nas dimensões positivas do risco, o que é compreensível dada a sua intenção em ter uma perspectiva diferente da perspectiva dominante, consideramos ser importante ter em conta, de um modo neutro, tanto as dimensões potencialmente positiva como negativa do risco.

^{iv} Até agora foram realizadas entrevistas individuais (em uma ou duas sessões) com dezasseis mulheres. Duas destas entrevistas ocorreram com duas frequentadoras simultaneamente. Foi ainda feita uma entrevista em grupo com quatro frequentadoras de techno e uma outra com dois frequentadores homens. As mulheres entrevistadas têm entre os 21 e os 46, são provenientes de meios sócio-económicos diversos e têm diferentes graus de escolarização.

^v A este respeito cf. Silva, Vítor, 2004.

^{vi} Anestésiante de animais de grande porte, cujo uso em festas de música electrónica parece estar particularmente associado à fracção transe.

^{vii} Todas elas integram os mesmos grupos que se constituem para irem às festas.